

CINEMA

MARGINAL

BRASILEIRO



André Luiz Oliveira

METEORANGO KID

o herói intergaláctico

DOCE AMARGO

A FONTE

O CRISTO DE VITÓRIA DA CONQUISTA





METEORANGO KID

o herói intergalático



DOCE AMARGO



A FONTE



O CRISTO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Memória e invenção. Poesia e experimentação. Revolução e esca-cho. O cinema brasileiro dos anos 1960 e 1970 viveu uma época efer-vescente. O Cinema Marginal radicalizou a linguagem cinematográfica aprofundando as experiências do Cinema Novo, que começava a bus-car maior contato com o público pela via de um abrandamento nas experiências estéticas.

O rótulo de Cinema Marginal é visto com desconfiança – e às vezes até com desprezo – pela maioria dos realizadores desses filmes. O con-junto dessa produção poderia também receber o nome de Cinema Ex-perimental, Cinema Poesia, Cinema Underground, Udigrúdi ou Cinema de Invenção, nomes que soam bem melhor aos ouvidos desses cineas-tas, que em sua maioria continuaram a realizar filmes admiráveis, mesmo após os tempos sombrios da ditadura. No entanto, o assim chamado Ci-nema Marginal é inegavelmente um marco histórico do cinema nacional e merece ser recuperado e revisitado, levando em conta as críticas que se fazem a essa definição.

Em 2001, foi realizada a primeira edição da Mostra Cinema Marginal, idealizada e produzida pela Heco Produções com o patrocínio do CCBB de São Paulo. A retrospectiva obteve grande sucesso de público e mí-dia. O mesmo aconteceu nas duas edições seguintes, no Rio de Janeiro, em 2002, e em Brasília, em 2004. Um livro-catálogo de 160 páginas foi editado e teve como fonte fundamental de pesquisa o livro *Cinema de Invenção*, de Jairo Ferreira.

Com este projeto desafiador – o lançamento em DVD de uma série de filmes ligados ao Cinema Marginal –, a Lume Filmes e a Heco Produções dão início a um selo de cinema brasileiro para home vídeo. Com o inestimável apoio da Cinemateca Brasileira, a parceria entre a Heco e a Lume reúne as qualidades fundamentais para a criação deste selo, uma vez que a Lume destaca-se como produtora independente, organizadora de festivais, exibidora e distribuidora de um rico catálogo de lançamentos internacionais, e a Heco se notabiliza pela realização de mostras de fil-mes, edição de livros e catálogos sobre o cinema brasileiro.

A Lume e a Heco vêm suprir o mercado de filmes de arte em home vídeo com parte do que há de melhor em nosso cinema, filmes de guer-rilha, alguns feitos há mais de trinta anos, agora à disposição do público, despertando assim o interesse sobre essa produção – iniciativa impor-tante, sobretudo num contexto como o de hoje, em que o chamado cinema de autor está em extinção.

Eugênio Puppó e
Frederico Machado

PANORAMA DO CINEMA MARGINAL

Arthur Autran

O Cinema Marginal caracteriza-se por um conjunto heterogêneo de filmes realizados entre o final dos anos 1960 até meados da década seguinte, por diretores em geral bastante jovens que romperam, no campo artístico, com o Cinema Novo. A ruptura era provocada, sobretudo, pela percepção de que os cinemanovistas haviam posto de lado o seu compromisso com a pesquisa estética na tentativa de alcançar maior aceitação por parte do público, por meio de filmes mais facilmente compreensíveis. Os realizadores ligados ao Cinema Marginal pretendiam continuar aprofundando as experiências estéticas. Ademais, o confronto em relação ao Cinema Novo também pode ser identificado pelas produções bem mais modestas em termos econômicos, pela falta de contatos com a política cinematográfica do Estado, pela adesão à contracultura etc.

O filme que marcou o surgimento do Cinema Marginal foi *A margem* (1967), de Ozualdo Candeias. Com uma produção de pouquíssimos recursos financeiros, mas grande inventividade em termos estéticos, o filme apontava para essas duas características centrais do movimento. Candeias, mais velho do que os outros diretores do Cinema Marginal, foi uma espécie de figura exemplar para os jovens, assim como José Mojica Marins, o genial inventor do personagem Zé do Caixão e diretor de *O estranho mundo de Zé do Caixão* (1967) e *Ritual dos sádicos* (1969).



Cena do filme *Meteorango Kid*

No entanto foi com *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla, que o Cinema Marginal tomou corpo. Nesse filme deflagrador, várias questões são repostas de forma inquietante: o diálogo com a vanguarda do cinema mundial (sobretudo Jean-Luc Godard e Orson Welles), as referências à indústria cultural (cinema, rádio, música e HQs) retrabalhadas sem má consciência, a posição irônica em relação ao nacionalismo cultural do Cinema Novo (especialmente aos filmes de Glauber Rocha), o humor escrachado e a desesperança para com qualquer forma de organização política (note-se que o Brasil passava por um momento de grande confrontação político-ideológica com o recrudescimento da ditadura militar e o surgimento de vários grupos guerrilheiros de esquerda).

Os filmes de Sganzerla – é preciso mencionar também *A mulher de todos* (1969) –, assim como os de Ozualdo Candeias – cuja outra película importante nessa época é *Meu nome é Tonho* (1969) – e os de José Mojica Marins eram realizados com recursos financeiros e parte da equipe técnica provenientes da Boca do Lixo paulistana – lugar no centro da cidade que, além de concentrar a cafetinagem e a prostituição de rua, também sediava empresas produtoras e distribuidoras de cinema. Nesse mesmo contexto, surgiram outros realizadores, tais como Carlos Reichenbach, Antônio Lima e João Callegaro, que dirigiram os episódios de *As libertinas* (1968). Callegaro também realizou em voo solo um longa-metragem hoje pouco conhecido, mas que alcançou sucesso de público e possui um diálogo riquíssimo com o cinema de gênero norte-americano: *O pornógrafo* (1970). Reichenbach, que deu sequência a uma das mais consistentes carreiras no Brasil de criador cinematográfico, realizou *Lilian M: relatório confidencial* (1974). Ainda em São Paulo, mas fora do esquema de produção da Boca do Lixo, outras películas de experimentação radical foram *Hitler 3º mundo* (1968) e *Orgia, ou o homem que deu cria* (1970), feitas por nomes que se destacaram como escritores: José Agrippino de Paula e João Silvério Trevisan, respectivamente.

Apesar de radicado em São Paulo, Andrea Tonacci dirigiu seu primeiro longa-metragem, *Bang bang* (1971), em Belo Horizonte, onde se desenvolveu um importante núcleo do Cinema Marginal com filmes marcados por grande cinefilia e humor cáustico. É o caso de *Perdidos e malditos* (Geraldo Veloso, 1970), *Sagrada família* (Silvio Lanna, 1970) e *Bandalheira infernal* (José Sette de Barros, 1976).

Além de BH, Salvador também foi palco de alguns filmes marginais de expressão, tais como *Meteorango Kid*, *o herói intergalático* (André Luiz Oliveira, 1969) e *Caveira my friend* (Álvaro Guimarães, 1970). Em ambos, além da marca da contracultura, temos a constituição de uma imagem ácida da vida na província.

Mas é no Rio de Janeiro que se localizou o outro polo do Cinema Marginal, além de São Paulo, com produção mais consistente em termos quantitativos. Também é no Rio que as relações de contiguidade com o Cinema Novo são mais evidentes, devido ao fato deste último movimento ter se baseado na cidade. Um filme como *Dezesperato* (Sérgio Bernardes Filho, 1968) tem clara influência de *Terra em transe* (Glauber Rocha, 1967), e alguns diretores, como Júlio Bressane ou Antônio Calmon, iniciaram suas carreiras profissionais ligados ao cinemanovismo. Cineasta cuja obra avulta neste momento é Bressane. Seus filmes *Anjo nasceu* e *Matou a família e foi ao cinema*, ambos de 1969, são marcos do cinema de vanguarda pelo aspecto disjuntivo de suas narrativas e pelas imagens com grande potência expressiva. Em 1970, Bressane criou com Rogério Sganzerla – que se transferira para o Rio de Janeiro – a produtora Belair, que teve vida curta e cujos filmes ainda hoje, infelizmente, foram pouco assistidos, mas que se constituíram em momentos altos do “cinema de invenção” – para usar a expressão difundida pelo crítico Jairo Ferreira. Bressane dirigiu *Barão Olavo*, *o horrível*, *Cuidado madame* e *A família do barulho*; Sganzerla realizou *Carnaval na lama*, *Sem essa*, *Aranha* e *Copacabana mon amour* – todos feitos ao longo de 1970 e tendo no elenco a atriz e musa Helena Ignez.

Em 1968, também no Rio de Janeiro, foi rodado *Câncer*, filme de Glauber Rocha que seria finalizado em 1972. Apesar da aversão de Glauber pelo Cinema Marginal, não há como deixar de mencionar *Câncer*, obra que, sob certos aspectos, é única na carreira do diretor como, por exemplo, na utilização do humor cáustico ou no afastamento em relação a qualquer tipo de teleologia (política, religiosa ou filosófica). É de se assinalar que outros nomes ligados ao Cinema Novo tiveram experiências cujos resultados os aproximaram do Cinema Marginal, tais como Fernando Coni Campos, com *Viagem ao fim do mundo* (1967), e Walter Lima Jr., com *Na boca da noite* (1970).



Cena do filme *Meteorango Kid*

Também no Rio de Janeiro, desenvolveram suas carreiras Elyseu Visconti (*Os monstros de Babaloo*, 1970), Neville d'Almeida (*Jardim de guerra*, 1968, e *Piranhas do asfalto*, 1970), Antônio Calmon (*O capitão Bandeira contra o doutor Moura Brasil*, 1971) e Luis Rosemberg Filho (*Jardim de espumas*, 1971, e *Crônica de um industrial*, 1976).

Na primeira metade dos anos 1970, o Cinema Marginal esvaziou-se enquanto movimento devido ao exílio de vários dos seus participantes e à grande dificuldade em repor os meios de produção – posto que muitos filmes não conseguiam lançamento comercial em razão da censura ou da reação de estranhamento por parte dos exibidores. Entretanto, as obras permanecem como um conjunto significativo de experiências estéticas e enquanto testemunhas da condição existencial de uma geração.

METEORANGO KID, O HERÓI INTERGALÁTICO

1969, André Luiz Oliveira, Salvador, 85 minutos, 35 mm, p&b

As imagens vêm da Bahia, cidade de Salvador. Saído da “Boca do Inferno”, nome dado aos filmes produzidos no período áureo da estética marginal na capital baiana, *Meteorango* retrata a revolta de um rapaz de classe média. Lula é o universitário cuspidor de fogo nas tradições, enquanto erica o gosto pela metarreferência à produção da época e pela pura curtição do fazer cinema. Esses procedimentos que representavam alguma liberdade e que fazem o nosso tempo mergulhar naquele tempo.

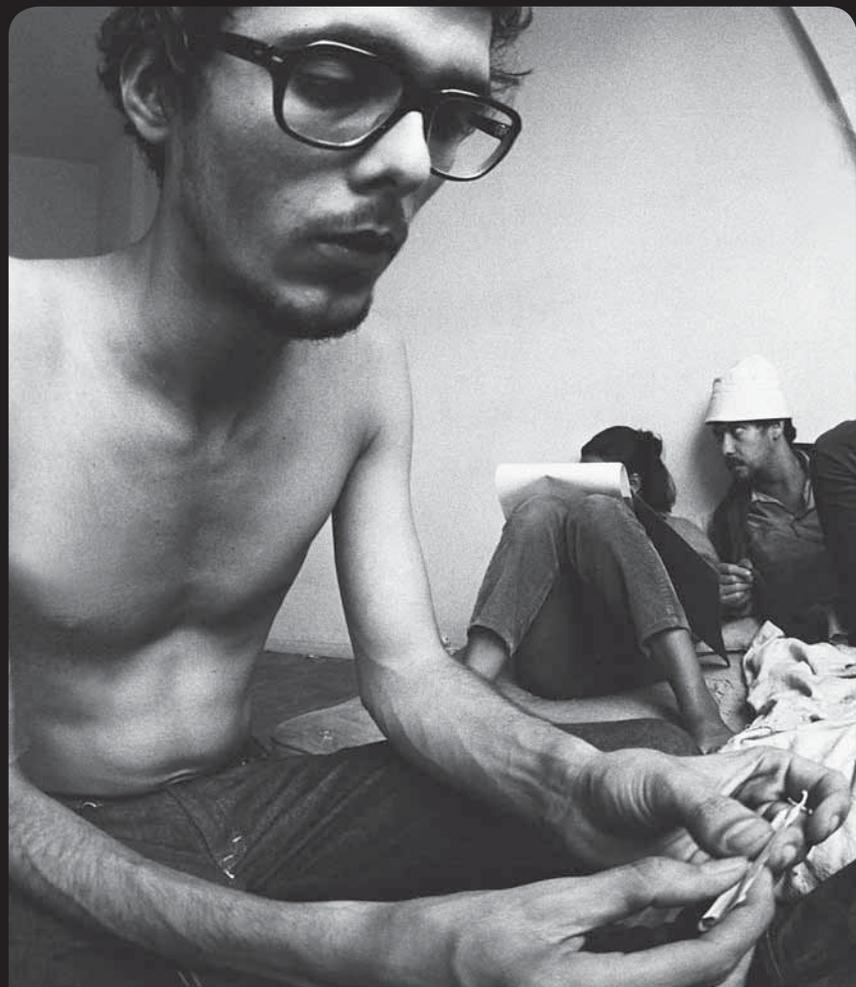
Como demonstrado por mais esse filme, nosso passado recente, em cinema, tem quase sempre o mesmo endereço: o da “esculhambação” dos pós-novos. No meio do caldeirão da Tropicália, o filme tem o facho da leitura, a visão fenomênica de compor o painel de época ao misturar improviso, ficção e documentário (este, escondido, encaixado, mas comentado, em citação).

A obra é organizada em várias situações distintas, quase sempre envolvidas em humor e escatologia, em exagero e estranhamento. Logo nas primeiras imagens, Lula é o rapaz que anda de trás para frente, em “câmera a ré”, ou melhor, é o Jesus trepado no coqueiro, que volta à cruz para agonizar. Vemos sangue, suor e suplício em meio aos créditos iniciais, e em seguida aparece a frase “esse filme é dedicado aos meus cabelos”.

Lula é o meteorango universitário em busca de aventuras. Um baiano kid que acorda tarde e não faz nada na vida, “um vagabundo”, como diz a doméstica que o desperta todas as manhãs. É um giro pela cidade, é o sonho de matar o pai e a mãe vestido de Batman, é uma referência a Glauber e a Sganzerla, é um soco na câmera, é a roda de fumo na casa do amigo (onde ouvimos “Assim falou Zarathustra”, de Richard Strauss, em 2007, de Kubrick), é a irreverência no velório, quando bate a cinza do cigarro na cara do defunto, é o percurso de Lula de olho nos inventores e de braços abertos para a diversão.

“Meteorango Kid é um soco violento que comove e revolta.” Com essa frase, o escritor Jorge Amado definiu o filme, que assistiu na ocasião em que foi apresentado no V Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Luiz Otávio de Santi



Cia. produtora: ALO Produções Cinematográficas
Produção, direção e roteiro: André Luiz Oliveira

Fotografia: Vito Diniz

Montagem: Márcio Cury

Cenografia: José Wagner e Edson Grande

Música: Moraes & Galvão

Elenco: Antônio Luís Martins, Carlos Bastos, Milton Gaúcho, Manoel Costa Junior, Antonio Vianna, Nilda Spencer, Ana Lúcia Oliveira, João Di Sordi, Caveirinha, Sônia Dias, José Wagner

DOCE AMARGO

1968, André Luiz Oliveira e José Umberto, Salvador, 17 minutos, 16 mm, p&b

Antes de realizar *Meteorango Kid*, André Luiz Oliveira toma nas mãos uma câmera Bolex 16 mm e, junto com José Umberto, refaz um percurso que vai das afirmações estéticas e políticas dos primeiros anos do Cinema Novo até a exasperação agressiva do Cinema Marginal. Os planos iniciais da negra preparando pirulitos, em gestos magnificamente cadenciados, vistos num ambiente escuro salpicado por focos de luz natural, podem lembrar *Aruanda* ou o começo de *Couro de gato*. Mais adiante, uma sucessão de planos do vendedor de pirulitos sentado na praça faz pensar na retórica formal de *Pátio*.

Alternando planos documentais de diversos espaços de Salvador com as fantasias e delírios do protagonista, *Doce amargo* constrói uma realidade particular, trespassada por viagens alucinatórias, ainda sem a dosagem *pop* de *Meteorango Kid*, mas já inserida na claustrofobia provinciana e burguesa, tanto que o vendedor é alvo de dois linchamentos conduzidos por figuras emblemáticas, entre elas um padre, um policial e um homem que lhe dá bordoadas com um livro.

Depois de um transe convulsivo, quando ressoam tambores de umbanda, o protagonista dá novo significado ao suporte de pirulitos, que ao longo do filme adquire autonomia e se reveste de metáforas: desde flagrante estandarte da pobreza a coroa de espinhos flutuando pela multidão. O vendedor livra-se dos pirulitos, atirando-os ao

mar, e empunha o cabo e o suporte de madeira como uma metralhadora, que dispara em direção ao espectador. O suporte em forma de pirâmide se eleva contra as águas e avança sobre a câmera, mítica arma de combate para devorar o cinema e não morrer na praia. Não é doce morrer no mar.



Luciana Corrêa de Araújo

Cia. produtora: ALO Produções Cinematográficas

Fotografia e câmera: André Luiz Oliveira

Montagem: André Luiz Oliveira e José Umberto

Elenco: Dadi Barral, Dó Costa, Ylma Ridz, Athayde, Crisvaldo



A FONTE

1970, Salvador, 12 minutos, 16 e 35 mm, p&b e cor

Fotografia e câmera: André Luiz Oliveira

Montagem: Amauri Alves

O CRISTO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

1981, Salvador, 13 minutos, 16 mm, p&b e cor

Fotografia: Mário Cravo Neto

Câmera: Alonso Rodrigues

Quando em 1968, ao regressar da Europa, implantei com Walter da Silveira o Grupo Experimental de Cinema na Universidade Federal da Bahia, o jovem aluno André Luiz Oliveira logo se destacou. Em sua primeira realização em curta-metragem, *Doce amargo*, afluam os lampejos do futuro cineasta. No ano seguinte, com o longa *Meteorango Kid, o herói intergaláctico*, não há mais dúvida de que estamos diante de um talentoso realizador brasileiro, que se insere com brilhantismo na história do Cinema Marginal.

É mais ou menos por essa época que se dá a aproximação de André Luiz com a família do artista plástico baiano Mário Cravo Júnior. Depois do breve casamento com a filha do artista, os laços de amizade do jovem cineasta com toda a família Cravo foram se fortalecendo. Além da cumplicidade cinematográfica entre André e Mário Cravo Neto, como fotógrafo de alguns dos seus filmes, a ligação pelo cinema com o Mário Cravo escultor se dá através de duas pequenas jóias: *A fonte* e *O Cristo de Vitória da Conquista*.

Sobre *A fonte*, de 1970, é o próprio André Luiz Oliveira quem diz: "Essa escultura gerou polêmica na cidade e as pessoas a rejeitaram em um primeiro momento. Realizei um documentário estranho, uterino, erótico, na mesma linha que a escultura *A fonte* representava para mim uma peça paradoxal, indigesta, de grande beleza. Hoje, ela é totalmente aceita e integrada à paisagem da cidade de Salvador, juntamente com o Elevador Lacerda". Ao contrário de *A fonte*, que não tem narrativa e no qual toda beleza plástica é transmitida através da imagem cinematográfica em harmonia com a música e sons, em *O Cristo de Vitória da Conquista*, o depoimento de Mário Cravo Júnior alcança um forte efeito para uma melhor compreensão dessa experiência insólita: um Cristo monumental, instalado no alto de uma colina, que a partir das raízes da nossa herança cultural espraia-se por um horizonte infinito. André Luiz Oliveira acredita que através desses dois pequenos documentários captou muito da personalidade de Mário e conseguiu "nas brechas das imagens percebidas pelo olho, transmitir a emoção do que pude observar e do que recebi ao longo do nosso convívio".

Guido Araújo



Foto: Turiba Poeta

ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA

Nasceu em Salvador em 1948. Frequentou, em 1968, o Curso Livre de Cinema organizado pelo crítico Walter da Silveira e por Guido Araújo. No mesmo ano, estreou na realização com o curta-metragem em 16 mm *Doce amargo* (codireção de José Umberto), primeiro lugar no Festival JB Mesbla de 68. No ano seguinte, escreveu e dirigiu o longa-metragem *Meteorango Kid, o herói intergalático*, filme emblemático do Cinema Marginal. Realizado na Bahia, conquistou três prêmios no Festival de Brasília de 1969.

Em 1971, realizou o curta-metragem *A fonte*. Em 1975, lançou seu segundo longa, *A lenda de Ubirajara*, adaptação de livro de José de Alencar, que ganhou alguns prêmios, entre eles o de melhor roteiro no Festival de Brasília de 1995. Entre 1975 e 1984, realizou vários curtas-metragens: *Ladeiras do Salvador*, *Vaquejada*, *Dia de Iemanjá*, *...É dois de julho* e *O Cristo de Vitória da Conquista*.

Voltou à direção de longas-metragens em 1994, com *Louco por cinema*, filme aclamado no Festival de Brasília, onde ganhou diversos prêmios. Escreveu o roteiro *Retrato Falado de Castro Alves* (Silvio Tendler, 1999). Em 2008, concluiu o longa-metragem *Sagrado Segredo* e trabalha na adaptação cinematográfica de *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro.

Alessandro Gamo

FILMOGRAFIA

CURTAS: *Doce amargo* (1968), *A fonte* (1970), *Ladeiras do Salvador* (1975), *Vaquejada* (1976), *Dia de Iemanjá* (1978), *...É dois de julho* (1980), *O Cristo de Vitória da Conquista* (1981).

LONGAS: *Meteorango Kid, o herói intergalático* (1969), *A lenda de Ubirajara* (1974/95), *Louco por cinema* (1995), *Sagrado segredo* (2008).

VÍDEOS: *Yoga para principiantes* (1984), *Astrologia* (1985), *Bahia flashes* (1989), *Bahia viva!* (1990), *Pessoa no planalto* (1991), *Antena da raça* (1993), *Pise neste palco* (1998), *Festival de Brasília 30 anos* (1998), *O teatro de Deus* (2000), *Amilcar de Castro* (2001), *A nova ciência* (2002), *Mensagem de Fernando Pessoa* (2003), *O show da paz - Gil na ONU* (2004), *Bric a brac - Revista de vanguarda* (2007), *Capoeira - Paz no mundo* (2006), *O teatro em si* (2007).



Lula numa fita
de André Luiz

FICHA TÉCNICA

Idealização e produção executiva
Frederico Machado e Eugênio Puppó

Curadoria e concepção editorial
Eugênio Puppó

Coordenação de produção
Marcelo Colaiaçovo

Assistência de produção
Felipe Ludovice
Santilha Sousa

Direção de arte
Pedro Di Pietro

Edição de textos
Bruno Zeni

Revisão de textos
Marília Rodriguez Zanetti

Edição de vídeos
Alexandre Britto

Colaboração
André Sigwalt
Arthur Autran
Cláudia Colins
Renan Costa Lima

Coordenação e produção gráfica
GFK Comunicação

Autoração do DVD
William Brito

Direção da vinheta
Rodrigo Castellar (Magoo)

Montagem da vinheta
Sylvio Renoldi

Produção e edição dos DVDs
Heco Produções

Distribuição
Lume Filmes

Projeto cultural
Heco Produções
Lume Filmes
Todos os direitos reservados, 2009.

Contato:
info@lume filmes.com.br
heco@heco.com.br

Agradecimentos
Angela Lima
Carlos Magalhães
Centro Cultural Banco do Brasil
Claudia Saturnino
Edson Sanches
Fabio Villas Bôas
Fátima Secches
Fernanda Coelho
Fernanda Valim
Flávia Miranda
Fundação Cultural do Estado da Bahia
Luiz Otávio de Santi
Pamela Zapparoli
Patrícia de Filippi
Raimo Benedetti
Regina Lima Silva
Ricardo Carioba
Simone Lopeç
Sofia Frederico
Wagner Carrão

Trabalhamos para o engrandecimento do cinema brasileiro

Realização



www.lumefilmes.com.br

Para quem acha que
cinema não é só pipoca



Conheça o portal brasileiro
de cinema

www.heco.com.br

Apoio Institucional



cinemateca

brasileira

Apoio Cultural

TPK EXPRESS

GFK
COMUNICAÇÃO